



CONTAS A
PAGAR

BIANCA
GULIM



Capítulo um

Saio do elevador enjoado com a mistura de odores acumulados no pequeno espaço. As pessoas adoram passar perfume antes de saírem de casa e, de manhã, os cheiros estão em seu auge, detectáveis a metros de distância. Separadamente, eu até gosto, dependendo da fragrância. Quando se juntam, porém, o resultado é insuportável.

Caminho até minha sala de cabeça baixa, fingindo estar vendo algo importante no celular. Não estou com ânimo para papinho de corredor. Como se já não bastasse o trânsito insuportável de São Paulo, ainda terei de encarar uma bela dor de cabeça, já que a doutora Marcela resolveu caprichar na essência sabor baunilha.

Levanto a cabeça quando chego perto da mesa de Sônia e percebo seu olhar receoso. Quanto tempo ela vai demorar para se adaptar à hostilidade do ambiente corporativo?

— Bom dia, doutor — diz ela, deixando transparecer apreensão em sua voz.

Talvez eu devesse me esforçar para fazê-la se sentir confortável, já que ela está acostumada a trabalhar no clima alegre e descontraído de escolas infantis, mas estou sem um pinga de paciência. Além do mais, ninguém a obrigou a aceitar o emprego. Se não está dando conta, basta pedir demissão. Seria ótimo...

Apenas lhe dou um meio sorriso, torcendo para que ela perceba que não estou em um bom dia para estender nossa comunicação além do necessário.

Como sempre, Sônia não atende às expectativas. Minha nova secretária de meia idade se levanta, revelando mais um vestido de péssimo gosto. Rapidamente volto meus olhos para o celular, mas vejo quando ela faz menção de dizer algo. Acelero o passo e entro na minha sala antes que ela possa dizer qualquer coisa, fechando a porta atrás de mim.

Se fosse uma secretária que eu selecionei, ela teria entendido o recado. Mas a velha é desprovida de bom senso, e eu logo escuto seus saltos médios

fazendo um barulho oco ao encontrar o chão do lado de fora. Como eu já esperava, o som repetitivo fica mais alto, denunciando que ela está vindo até aqui.

Solto meu peso na cadeira no mesmo momento em que Sônia dá duas batidas delicadas na porta.

— Entre.

De maneira tímida, ela coloca apenas o rosto para dentro da sala. Seus olhos me encaram por trás das lentes grossas de seus óculos, dá pra perceber seu desconforto. Um dia ela entra com uma ação trabalhista contra mim, tenho certeza.

— Doutor, já é a quarta vez que Marcos liga. Pediu um retorno com urgência.

Jogo a cabeça pra trás e solto a respiração ruidosamente, mostrando meu descontentamento. Não me formei advogado para cuidar de casos de divórcios, por que esse tipo de processo continua caindo na minha mesa? Puta que pariu, não puxei o saco de Macedo o bastante? Casar com sua filha solitária não foi suficiente para me assegurar processos em destaque e a liberdade de escolher minha própria secretária?!

— Ligue para ele e me transfira a ligação, por favor.

— Sim, doutor. Este envelope chegou hoje cedo.

— De quem é?

— Não sei. Veio sem remetente, entregue por um *boy*.

Abro um sorriso irônico, reprimindo a vontade de mandar Sônia à merda. Que tipo de secretária recebe um envelope sem identificação e não pergunta quem mandou entregar?

Estendo a mão, encarando seus olhos cansados. Ela dá alguns passos incertos em minha direção, pronta para sair correndo a qualquer momento.

Depois que puxo a correspondência de seus dedos trêmulos, Sônia dá meia volta e se retira.

— Obrigado — me forço a dizer antes que ela feche a porta.

Consgo me divertir ao reparar no envelope branco, comprido. Pequenos quadrados laranja reservam o espaço para o CEP do destinatário. Eu nem poderia imaginar que este tipo de coisa ainda estaria à venda.

Giro o envelope em minha mão, notando que existe apenas meu nome escrito em letras grandes, garrafais. Pequenas ondulações no papel fino me mostram que usaram cola líquida demais para proteger a mensagem.

Sem qualquer preocupação com o conteúdo, rasgo o envelope esperando por uma propaganda política. Vejo uma folha de caderno, ainda com as rebarbas, dobrada em dois. Mesmo sem desdobrar, dá pra ver que é uma carta escrita à mão.

O telefone toca, e eu atendo antes do segundo toque. Marcos é um cliente importante, indicação de Macedo. Salvo engano, é irmão de um amigo dele, algo assim. Eu não deveria tê-lo deixado esperando.

— Laerte.

— Estou com seu cliente na linha, doutor.

Putaquepariu! Eu tento ser educado, mas essa velha retardada parece que testa meus limites. Preciso me esforçar para não dizer que eu sei que meu cliente está na linha, uma vez que fui eu que solicitei a ligação.

— Ok — respondo e escuto o barulho da linha sendo trocada. — Laerte — repito.

— Olá, doutor, é o Marcos. Estou tentando falar com você há dias. Aquela traidora quer ficar até com a minha *BMW*.

— Oi, Marcos. Desculpe-me, as coisas estão bem corridas por aqui.

— Tudo bem. Precisamos dar um basta nesta história.

Marcos está nervoso, divórcio não é algo fácil de conduzir. Principalmente se você for um milionário casado com uma mulher que tem um corpo capaz de convencê-lo a assinar um contrato pré-nupcial vantajoso. Para ela.

— Marcos, já conversamos sobre isso. Ela tem direito a metade de tudo que é seu.

— Isso é ridículo.

Ridículo é um empresário bem sucedido cair na armadilha de uma adolescente.

— Concordo. O que podemos fazer é tentar um acordo.

— Que tipo de acordo?

— Um que seja vantajoso para ambas as partes.

— Ela vai ficar sem nada!

— Isso é impossível.

— O quê? Para viagem, por favor — ele fala com outra pessoa. — Só um minuto, doutor.

Enquanto espero impacientemente que Marcos termine de pagar por seu café, abro a carta que ainda está em minha mão. A caligrafia é feminina, delicada. Uma admiradora secreta?

Olá, Laerte, como vai? Espero que não muito bem. Com o carro de Melissa no conserto, imagino que você já tenha começado a manhã mal. Se a estudei bem, aposto que ela lhe pediu uma carona. E sei o quanto você detesta ficar preso no trânsito.

Que porra é essa? Desligo o telefone sem dar explicações e seguro a carta com as duas mãos.

Você se lembra de mim? Acho que não. Nosso “relacionamento” não significou para você o tanto que significou para mim. Eu me lembro de você.

*Lembro, com riqueza de detalhes, de cada estocada que forçou dentro de mim.
Eu me lembro dos ruídos que você deixou escapar enquanto me estuprava.*

Meu coração dispara, um nó se forma em minha garganta. Que merda é essa? Sarah me escreveu esta carta? Quer me chantagear? Ela não pode provar nada!

Agora você se lembra, não é? Suas mãos estão suando? A respiração ficou pesada? Tudo bem, não se preocupe. Essa é uma reação comum nos seres humanos, chama-se pânico. Você a apresentou para mim, é algo muito ruim de sentir. Eu poderia dizer que não desejo isso a ninguém, mas estaria mentindo.

O telefone toca, o som estridente quase me faz pular na cadeira. Sem olhar para ele, tiro o fone do gancho e rapidamente o volto para seu lugar.

Como o advogado mediano que você se tornou, aposto que está pensando: Ela não pode provar. Você tem razão, não posso provar que você me estuprou quando éramos adolescentes. E nem quero. O que tenho planejado para você é muito pior do que a cadeia. Os policiais me atrapalhariam.

Por enquanto, vamos manter isso apenas entre nós. Continuará sendo nosso segredinho. Promete não contar a ninguém?

P.S. Melissa sabe que você frequenta becos escuros no centro, onde as prostitutas cobram apenas dez reais por um boquete?

Viro a folha para verificar se há algo escrito no verso. Nada. Essa vaca está me seguindo? Como sabe sobre o carro de Melissa? Por que me mandou esta carta?

Estico o braço e pego o envelope rasgado, procurando por alguma pista. Nada, apenas meu nome escrito em preto. A grafia poderia me ajudar a descobrir quem escreveu a carta, mas eu já sei. Sarah foi a única garota que me disse *não*, só pode ser ela. Preciso de um endereço.

Com um movimento explosivo, me levanto, jogando a cadeira para trás. O plástico faz um estrondo alto ao se chocar contra a madeira da estante. Escuto alguns livros caírem no chão, mas não perco meu tempo conferindo. Vou até a porta e puxo a maçaneta bruscamente.

— Quem mandou isto? — grito para Sônia, estendendo a carta em frente ao meu rosto.

Ela pisca rapidamente, confusa. Está acostumada com minha frieza, até certa rispidez em alguns momentos, mas não com tamanha cólera. Esse tipo de postura não condiz com um ambiente de trabalho, até eu preciso me ater aos limites. Porém, hoje, a fúria é incontrolável. Detesto quando me ameaçam. Acima de tudo, odeio me sentir encurralado.

— Não sei, senhor. Um *boy* que trouxe — ela se explica entre gaguejos.

Olho para os lados, conferindo que ninguém está por perto. Minha vontade é dizer que ela tem até o almoço para descobrir o nome do filho da puta que entregou esta carta, mas me controlo.

Apoio no batente da porta e respiro fundo.

— Sônia, por favor, procure a empresa que mandou entregar esta carta. E, daqui pra frente, quando uma correspondência sem remetente cair em suas mãos, você vai perguntar ao *boy* quem mandou entregar, certo?

Ela agita a cabeça em sinal afirmativo, arrependida por sua falha imatura.

Volto para minha sala sentindo a raiva queimar dentro de mim. Em uma reação involuntária, começo a andar em círculos. Travo as mãos na cintura, sentindo todos os meus músculos se enrijecerem.

Advogado mediano, ela disse. Engulo a vontade de gritar que milhões de advogados matariam para ter meu cargo neste escritório. Quem ela pensa que é?

Bela pergunta! Quem é Sarah Lorenal? O que se tornou? Ela era muito inteligente, sempre se destacou em sala de aula. Seus conhecimentos gerais,

muito além do que poderia interessar uma garota da sua idade, impressionava os professores. Certamente, é uma profissional bem-sucedida.

Ou não. Que tipo de pessoa que se deu bem na vida perde tempo chantageando ex-colegas de escola? Nem foi estupro, ela está dramatizando a situação. Ela disse *não*, disso eu me lembro. Mas eu não precisei ameaçá-la, usar força bruta. Sarah deixou, ela queria. Só era tímida demais para admitir.

Volto para frente do meu computador, chutando os livros caídos próximos aos meus pés. Abro a página do *facebook* e digito *Sarah Lorenal* no campo de busca. Enquanto a internet trabalha, reflito sobre seu sobrenome incomum. Não vou encontrar muitas pessoas nessa pesquisa.

A página me apresenta o resultado: nenhuma *Sarah Lorenal* no *facebook*. Será que seu primeiro nome não tinha *h*? Eu me lembro claramente de ler seu nome na chamada, e ele tinha *h*. Mesmo assim, faço uma busca por *Sara Lorenal*, sem encontrar nada. O site sugere algumas mulheres com nomes parecidos, corro meus olhos por seus rostos e não encontro quem estou procurando.

Talvez ela tenha mudado de sobrenome. Será que está casada? Qual era seu outro sobrenome? Não me lembro, todos a chamavam de Sarah Lorenal. A nerd que quebrava os padrões ao ser bonita e gostosa. Também era boa nos esportes. Por isso, tinha as melhores pernas da escola, bem definidas. Seus seios, mais desenvolvidos que os da maioria das meninas da nossa sala, balançavam enquanto ela corria pela quadra. Ela chamava atenção, mesmo falando o mínimo possível.

Vasculho minha lista de amigos no *facebook*, entro no perfil da primeira pessoa que reconheço como ex-estudante daquela escola. Procuo Sarah entre seus amigos, e nada. Faço o mesmo com todas as pessoas que a conheceram, ignorando meus compromissos para hoje.

Antes que a velha rabugenta venha me importunar, pego o telefone e ligo para sua mesa. Obediente, ela atende no primeiro toque:

— Sim — diz melindrada, quase chorosa.

— Desmarque todos os meus compromissos para hoje, por favor.

— O Mar... — Desligo o telefone antes que ela tenha oportunidade de me passar o recado. Paciência tem limite, ela precisa aprender quando deve fechar a boca.

Foda-se o Marcos e seu divórcio. Ele é um cliente especial, mas o problema que tenho em mãos é muito maior. Qual a intenção de Sarah? Sua carta diz muito sobre seus planos, mesmo que indiretamente. Ela comenta sobre meu emprego, minha profissão. Embora tenha feito isso de maneira despretensiosa, fica claro que ela tem o campo profissional em mente. Mencionou Melissa, meu casamento também é um alvo. Ela quer que eu acredite que vai atacar todas as esferas da minha vida. Resta-me saber: até que ponto ela levará isso a sério?

Não é preciso ser advogado para saber que um crime cometido por um menor de idade não o levaria para a cadeia mais de uma década depois. Será que ela pretende ir a público, tentar me destruir por meio de um escândalo? Isso não pode acontecer, Macedo não suporta escândalos. Chegou a pagar meio milhão para uma funcionária antiga que ameaçou processá-lo por assédio sexual. Ela nunca ganharia a ação, no entanto, só os prováveis reflexos de sua existência bastaram para amedrontar meu sogro.

Estou encarando a mesma situação. Sarah não pode provar um estupro que mal existiu, mas pode fazer um estrago em minha carreira. Com essa onda de feminismo rolando, já posso imaginar a manchete: *Famosas se unem para defender mulher que foi abusada na adolescência por advogado de um famoso escritório de São Paulo.*

Puta que pariu, estou fodido.

Afrouxo o nó da gravata, mas o ar continua denso, difícil de sorver. Minhas mãos começam a suar, exatamente como a vadia disse que aconteceria. Sinto a raiva ir se dissolvendo, abrindo espaço para o medo.

Pego a carta e leio tudo novamente. O papel se mexe de maneira irregular na minha mão, estou tremendo.

Melissa é meu ponto fraco. Se minha esposa não quiser mais ficar comigo, perco meu emprego e, conseqüentemente, o estilo de vida que nosso casamento me proporcionou.

Será que Sarah me fotografou na República? Os vidros do meu carro têm *insulfilm*, ela não seria capaz de registrar o ato. No máximo, tiraria uma foto da minha placa com a prostituta entrando ou saindo do lado do passageiro. Posso alegar que emprestei o carro para alguém. Não, desculpa amadora.

— Merda! — Bato o punho sobre a mesa.

Sarah disse que estudou Melissa. Como faria isso? Será que conhece minha esposa? Da aula de pilates, do curso de história da arte, do salão de beleza, do clube de leitura... Melissa conhece muita gente!

Pego meu celular e busco *amor* nas últimas ligações. Enquanto ela não atende, digito o nome de Sarah no *google*, me deparando com o mesmo resultado apresentado pelo *facebook*. Quem não é encontrado na internet hoje em dia? Ela fez de propósito, faz parte do seu plano. Não quer ser encontrada.

— Oi, amor — Melissa atende com o rotineiro tom carinhoso.

— Tudo bem, Mel?

— Tudo e você? — ela continua calorosa, amável.

Melissa não é o tipo de mulher que finge. Se tivesse recebido alguma acusação contra mim, já estaria aos prantos. Ela não sabe de nada.

— Preciso de um favor quando você voltar para casa. Não estou achando meu cartão visa, veja se ele ficou no bolso do meu moletom, por favor.

— Ê, Laerte, você é tão desorganizado.

— O que eu faria sem você?

Ela dá uma risadinha afetada do outro lado da linha, mostrando o quanto adora se sentir amada, querida.

— Quando chegar em casa, eu procuro para você, tá bom?

— Obrigado, meu amor, você é maravilhosa. Um beijo.

— Te amo, um beijo.

— Também te amo.

Desligo o telefone sentindo a temperatura do meu corpo esfriar. O alívio faz minha respiração voltar ao normal, seguindo um ritmo lento. Tudo bem, Melissa está fora disso. Talvez esta merda toda não passe de uma brincadeira de mau gosto. Sarah pode ter compartilhado nossa história com alguém, e o espertinho achou que seria engraçado me sacanear.

Nunca contei para alguém sobre minha transa com a nerd gostosa, praticamente inalcançável. Foi difícil guardar a informação para mim, não me vangloriar pelo grande feito. Mas ela sumiu depois daquela noite, ninguém nunca mais a viu. Soubemos que seu avô faleceu, deixando uma herança enorme para ela e seu pai. Eles se mudaram para o interior, Piracicaba, se não me falha a memória.

Se eu dissesse que transei com ela, depois do seu sumiço, soaria como mentira. Eu já era discriminado por ser um estudante bolsista, não queria que me vissem como o fracassado que precisava mentir para estar por cima. Até porque me lembrava de Sarah ter dito *não* umas três vezes. Naquela noite, eu fui para casa um pouco preocupado. Depois do sexo, no banco de trás da lata velha que minha mãe chamava de carro, Sarah não disse uma palavra. Nem para se despedir quando a deixei na porta de sua casa.

Eu pensei em ligar para ela e me desculpar, mas isso afirmaria que fiz algo errado. Sarah fazia o tipo tímida, sensível, sonhadora. Se, por acaso, tentasse me acusar de algo, eu seria capaz de convencê-la de que estava exagerando. Eu afirmaria que ela não deixou claro que não queria, ressaltaria que nem tentou me empurrar, se esquivar. Depois de um pedido de desculpas, bancar o inocente não colaria.

De qualquer maneira, eu nem tinha o telefone dela.

Capítulo dois

— Acha que Melissa está te traindo?

— Não, César. Melissa não tem nada a ver com isso. Pode apenas me passar o contato do detetive?

— O que você quer com ele?

— Preciso encontrar uma pessoa.

— Quem?

Puta que pariu, que cara insistente. Já não deixei claro que não quero compartilhar com ele essas informações?

— César, podemos conversar sobre isso depois? Mande o telefone por mensagem, por favor — peço com tom de exigência e desligo.

Ano passado, César contratou um detetive particular para confirmar suas suspeitas de que estava sendo traído. Dois dias depois, o cara apareceu com imagens que mostravam Suzane beijando um rapaz mais jovem, um estagiário da revista que ela dirige.

Como o grande banana que é, César apareceu no meu escritório aos prantos, dizendo que pediria o divórcio. Como bom amigo que sou, bolei um plano infalível. Eu conhecia Suzane muito bem, já que ela e Melissa eram amigas íntimas. Eu sabia que ela vinha de uma família tradicional, rica, poderosa. Se tem algo que deixa os milionários com medo, principalmente os jovens, é o risco de manchar o nome da família. Ao contrário da minha esposa, Suzane não se tornou uma dondoca sustentada pelos pais. Não apenas estudou, mas trilhou uma carreira de sucesso a partir do seu esforço. Claro que seu sobrenome lhe ajudou a subir alguns degraus, mas ela mereceu estar na diretoria da empresa em que atua. Mas, mesmo sendo uma mulher independente, ela seria incapaz de comprometer o nome da sua família. E eu sabia disso.

Trezentos reais foram suficientes para comprar a recepcionista do motel. Com a ajuda de Natanael, o detetive, instalamos uma câmera no quarto que foi escolhido a dedo para que Suzane satisfizesse sua vontade por jovens que acabaram de sair da puberdade. A chantagem foi bem sucedida, como o esperado.

César também é advogado, mas ganha um salário de merda para trabalhar em um escritorzinho no centro da cidade. Já Suzane é diretora em uma grande revista, com um salário que sempre financiou as mordomias do casal. Com o vídeo comprometedor, meu amigo não apenas pediu o divórcio, mas ficou com o apartamento na Bela Vista, com os dois carros, com a casa em Riviera e com todas as aplicações de Suzane. Um ótimo negócio, eu diria. Só com as aplicações, é possível manter as casas e os carros. Ele não veleja todo final de semana e não sai do país mais de cinco vezes ao ano, como costumava fazer, mas ainda tem a vida confortável que sua carreira jamais lhe proporcionaria.

O carro de trás buzina, me fazendo perceber que o farol abriu. Acelero e logo viro à direita, a caminho de casa. Durante o trajeto familiar, me esforço para relaxar, pelo menos um pouco. Quem muito ameaça, pouco faz. Além disso, estou tendencioso a acreditar que tudo não passa de uma brincadeira, uma provocação. Se Sarah realmente estivesse atrás de mim, teria ido me confrontar. Mandar cartinhas é coisa de adolescente, já somos adultos.

Contratarei Natanael apenas como precaução. Mesmo que a carta não tenha sido enviada por Sarah, ela é uma parte do meu passado que pode voltar para me assombrar. Diferente do pai de Suzane, o pai de Melissa não suporta o fato de ter um genro que um dia foi pobre. Não posso escorregar, dar motivos para que ele tenha razões morais para não gostar de mim. Quero saber o que Sarah se tornou, reunir informações sobre sua vida. Principalmente seus deslizes.

Um sorriso sacana escapa pelos meus lábios quando começo a me lembrar do corpo de Sarah. Fico imaginando como ela está agora, que tipo de *lingerie* costuma usar. Será que ainda é tímida, o tipo de mulher que leva tempo para conquistar? Ter de esperar para transar é um saco, mas confesso

que a espera gera uma expectativa gostosa, viciante. Quando a hora finalmente chega, é libertador.

Demorei um mês para conseguir comer minha última secretária. Foi uma das minhas melhores transas, valeu cada minuto de espera. Só não valeu precisar demiti-la depois, a safada era boa em suas atribuições. Dispensava um cliente chato como ninguém.

O som do toque do meu celular me tira dos meus devaneios. Reviro os olhos ao reconhecer o número do escritório na tela iluminada. Olho para o relógio, já são quase seis horas. Penso em deixar a ligação cair na secretária eletrônica, mas pode ser que Sônia tenha finalmente encontrado quem entregou o envelope.

— Encontrou o remetente do envelope? — pergunto, direto.

— Não, mas tenho um recado do seu cliente, Marcos.

— Isso pode esperar até amanhã. Boa noite, Sônia — digo e desligo.

Paro o carro e espero a garagem abrir lentamente, me forçando a deixar o assunto *Sarah* de lado. Em casa, meu foco deve ser totalmente voltado para Melissa. Ela é meu trunfo, minha grande conquista. E é exigente, sempre quer atenção, elogios.

Foi apenas uma brincadeira, penso, em breve descobrirei quem foi o engraçadinho.

Estaciono o carro com perfeição, bem ao centro da vaga. Como de costume, confiro minha imagem no espelho do retrovisor antes de sair do carro. Assim que abro a porta que dá acesso ao interior da casa, escuto a gargalhada exagerada da minha esposa. Essa é sua única característica que destoia da educação refinada que teve. Às vezes, apenas às vezes, ela me envergonha em ambientes públicos.

Fico contente ao concluir que minha esposa está feliz, provavelmente assistindo a alguma de suas séries. Isso significa que ela não recebeu nenhuma carta, nenhuma imagem de prostitutas entrando no meu carro.

— Ah, Melissa, querida, você é louca! — conheço essa voz.

Meu estômago se revira, minha boca se enche de saliva. Engulo, sentindo um enjoo repentino. Sem me preocupar em verificar se minha aparência reflete meu desespero, corro pelos corredores. A cada passo, a risada feminina que se mistura à gargalhada de Melissa me parece mais familiar.

Entro na cozinha quase ofegante, o coração acelerado. Vejo Melissa ainda dando risada, os olhos fechados. De costas para mim, sentada no banco alto do balcão, está uma mulher ruiva. Pelo tom vermelho, dá para perceber que seus cabelos foram tingidos. Mesmo em uma posição desprivilegiada, suas curvas se destacam em um vestido elegante, cinza. Uma abertura do tecido, na parte das costas, revela uma pele alva bem cuidada, sedosa.

— Você chegou cedo, querido — diz Melissa ao notar minha presença.

Lentamente, sua amiga começa a se virar para mim. Ignoro minha esposa e prendo a respiração, esperando que o reconhecimento da voz tenha sido coisa da minha cabeça, ou uma infeliz coincidência. Olhos esverdeados me encaram, mal consigo esconder minha expressão de choque. É ela, é Sarah.

Meu corpo inteiro se tensiona, cada músculo fica duro como pedra. Ciente da presença de Melissa, tento controlar minha respiração acelerada. Acabo precisando colocar as mãos nos bolsos, a fim de esconder uma tremedeira inesperada.

Os segundos se arrastam, e eu não consigo esboçar uma reação disfarçada. Busco por uma fala qualquer, mas minha mente está em branco.

As ameaças são reais, a garota que estupro há mais de quinze anos voltou para minha vida com o objetivo de me destruir. E ela está na minha cozinha, tomando vinho com a minha esposa.

Sinto minha pele esquentar quando noto uma insinuação de sorriso tocar os lábios carnudos de Sarah. Ela se diverte com o que causa em mim, obviamente. Vagabunda!

— Você deve ser o Laerte — ela diz com empolgação, se levantando. —
Eu sou a Sarah.

Respiro fundo, puxando o ar pelo nariz e soltando pela boca. Meu coração está batendo tão rápido que receio que Melissa possa escutar as batidas de onde está.

Com passos lentos, Sarah caminha até mim. Suas pernas se movimentam delicadamente, o som de seus saltos contra o chão ressoa no ambiente. Engulo em seco quando ela apoia a mão direita no meu ombro, se inclinando para beijar meu rosto. Puta que pariu, ela ainda usa o mesmo perfume da época da escola. É um cheiro doce demais, infantil. Não combina com a mulher à minha frente.

Será que escolheu essa fragrância só para me provocar? Certamente. Essa conduta combina perfeitamente com o envio da carta. Ela quer brincar comigo, me deixar em pânico. E o pior é que está conseguindo.

— Tudo bem, querido? — Melissa pergunta, percebendo minha postura fora do contexto.

Certo, isto está ficando perigoso. Preciso agir normalmente. Seja qual for o plano de Sarah, ela não contou nada para Melissa. Ainda tenho tempo para reverter a situação, não vou permitir que essa vadia me intimide.

— É um prazer conhecê-la, Sarah — digo, conseguindo deixar a aflição longe da minha voz.

Dando um passo para o lado, me desvencilho de Sarah. Tiro a gravata enquanto me aproximo da minha esposa, que está vestida como se fosse a uma festa. Mesmo para ficar em casa, ela se arruma. Quando a campainha tocou, sei que retocou a maquiagem que já estava impecável.

— Tive um dia difícil, amor. É muito bom estar em casa.

Puxo-a pela cintura e beijo seus lábios de maneira acolhedora, como sempre faço quando a vejo após um longo dia de trabalho. Depois, acaricio seus cabelos loiros, mostrando o quanto senti sua falta.

Como eu já esperava, um sorriso preenche o rosto delicado da minha esposa. Ela adora demonstrações de carinho em público, seu coração se aquece quando as pessoas notam o quanto ela é uma mulher de sorte.

— Oh, querido. As negociações não acabaram ontem? — ela pergunta para mim, mas se vira para Sarah, sem esperar por uma resposta minha. — Meu marido é advogado no Macedo Advogados Associados. Ele cuida dos processos mais importantes e, às vezes, chega em casa esgotado.

— Ah, sim. Já ouvi falar desse escritório — Sarah diz, despreocupada.

— É um dos maiores escritórios do país. O dono é meu pai — minha esposa anuncia sem nenhuma cerimônia, depois fica em silêncio, esperando que Sarah revele, também, de onde vem sua fortuna. Como ela fica em silêncio, Melissa se volta para mim: — Laerte, Sarah é nossa nova vizinha, alugou a casa ao lado.

Meus olhos tentam se arregalar, mas controlo o impulso. Aperto os lábios um contra o outro, minha vontade é gritar. Sarah realmente quer me destruir, chegou ao ponto de alugar uma casa que estava vazia há anos, de tão caro que é o custo mensal da moradia, só para se aproximar de mim. E de Melissa.

— Querida, pega um uísque para mim, por favor?

— Claro!

Melissa beija meu rosto antes de ir até a sala. Preciso de mais tempo, as bebidas ficam no cômodo ao lado.

— Achou meu cartão? — aumento o tom de voz para que ela possa ouvir à distância.

Olho para Sarah e percebo o quanto sua expressão mudou. Agora, um sorriso travesso ilumina seu rosto. Ela dá um gole em seu vinho, me olhando com olhos semicerrados, como se estivesse me estudando.

— Sim, estava no seu moletom — Melissa responde.

Já posso ouvi-la mexendo no armário de cristais, ela não perderia a oportunidade de expor nossa melhor louça, presente de casamento da sua falecida mãe.

— Pega para mim? — peço, torcendo para que o cartão esteja no andar de cima.

Tento sustentar o olhar de Sarah, mas não consigo resistir que meus olhos corram por seu corpo. O tempo fez muito bem a ela, isso é inegável. Sua cintura continua estreita, suas pernas longas parecem esculpidas. Apesar de o vestido ter mangas, seu colo fica totalmente exposto. Os seios fartos se apertam em um sutiã que eu imagino ter muita renda, as charmosas pintas se espalham por uma pele perfeitamente lisa.

Volto a encarar seu rosto, seus olhos levemente puxados estão marcados com delineador preto. A vadia morde o lábio inferior ao notar que está sendo avaliada, satisfeita. Sarah gosta do meu olhar sobre ela, de ser apreciada.

A excitação se aproxima de mim, sinto-a pinicar minha pele. Mas eu não permito que ela me domine, Sarah foi bem clara em suas ameaças, embora neste momento esteja demonstrando que me quer dentro dela.

Escuto Melissa subindo a escada e não perco tempo. Com passos rápidos, me aproximo de Sarah. Ela apoia a taça no balcão e espera que eu a alcance, parecendo ansiosa. Logo que o faço, aperto meus dedos em volta do seu braço. Antes que eu possa refletir sobre as consequências de agir com brutalidade, Sarah solta um gemido baixo, assumindo uma expressão de puro prazer.

— Isso é estranho, mas preciso admitir que senti falta da sua agressividade — ela sussurra, aproximando seu rosto do meu.

O que ela está tentando fazer?

Eu me afasto, impedindo que seus lábios cheguem perto dos meus, apesar do meu impulso ser de rasgar seu vestido para lembrar cada pedaço do seu corpo.

— Que porra de carta foi aquela? O que você quer? — digo baixo, me certificando de manter um tom ameaçador.

Sarah relaxa os ombros e dá risada, como se minha pergunta fosse óbvia. Por algum motivo que desconheço, consigo sentir, além de raiva, uma vontade praticamente incontrolável de lamber seu pescoço.

Percebendo minha reação, ela umedece os lábios com a língua, provocante.

— O que você acha que eu quero, Laerte? — ela diz meu nome teatralmente, alongando cada sílaba. — Você tem contas a pagar, vim te cobrar.

Ela está se divertindo às minhas custas. Preciso ser implacável, mostrar que ela corre perigo ao brincar comigo. Rapidamente, solto seu braço e envolvo seu pescoço com a mesma mão. Ela levanta o queixo, me dando mais acesso. Depois abre a boca em um suspiro, mostrando que realmente aprecia minha brutalidade.

Essa mulher é louca. Primeiro, me ameaça por tê-la violentado, agora, demonstra que gosta de ser tratada com violência.

— Fique longe da minha esposa — ameaço entredentes.

— Ah — ela lastima, fazendo um bico.

Então levanta a mão e corre as unhas por meu peito. Um arrepio percorre todo o meu corpo, sou consumido pela vontade de beijá-la. Graças a Deus, não tenho tempo de refletir sobre essa possibilidade, pois provavelmente faria uma besteira. Sou obrigado a soltá-la, os sapatos de Melissa indicam que ela está descendo a escada.

Sarah abre um sorriso presunçoso, me desafiando a continuar próximo a ela. Quando minha esposa aparece na porta, já estou do outro lado da cozinha.

— Aqui — diz ela, passando o cartão e um copo de uísque para mim —, mas esse é aquele cartão vencido que você disse que jogaria fora.

Fingindo ignorância, observo o cartão que deliberadamente deixei no bolso da minha calça de moletom, uma vez que não tem mais utilidade alguma.

— É verdade — respondo, dando um gole generoso da bebida.

— Sarah, querida, o que foi isso? — Melissa pergunta, apontando para o pescoço da nossa nova vizinha, que já assumiu uma coloração avermelhada.

Merda!

— O quê? — Sarah pergunta, dissimulada, tocando a região do colo.

— Seu pescoço está todo vermelho, amiga.

— Será que é uma reação alérgica?

Minha nossa, Sarah sabe mentir muito bem. Sua fisionomia realmente demonstra surpresa, preocupação.

— Mas você estava bem até agora...

— Ah, acho que já sei o que pode ter acontecido. Um pouco antes de vir para cá, estava arrumando umas caixas da mudança. Você acredita que, no meio de tanta tralha, acabei achando o perfume que eu usava quando era adolescente? Não resisti e espirrei um pouco da fragrância no meu pescoço. Nostálgico, eu sei.

— Deve ter sido isso, então. Esse perfume tem quantos anos? — Melissa questiona, divertida.

— Muitos! — Sarah responde, entrando no clima da brincadeira. — Você se lembra dessa época?

Putaquepariu, Sarah está sendo direta demais. Sei aonde quer chegar.

— Querida, estou morrendo de fome — interrompo a conversa delas, antes que seja tarde demais.

— Sofia fez picanha assada, do jeito que você gosta. Janta conosco, Sarah?

A vadia tem a ousadia de olhar diretamente para mim, quase que pedindo permissão. De relance, vejo Melissa indo até a geladeira.

Balanço a cabeça de um lado para o outro, olhando diretamente para Sarah, torcendo para que ela vá embora o quanto antes.

— Ainda temos aquele vinho que lhe falei — Melissa diz, mostrando uma garrafa.

— Ah, eu adoraria, mas hoje tenho um encontro. Seria grosseria cancelar.

O sangue ferve nas minhas veias. Um encontro? Sarah tem namorado?

— Oh, que maravilha. Você é solteira, deve aproveitar.

As palavras de Melissa me irritam ainda mais. Aproveitar é o caralho, ela deve ir para casa pensar sobre a merda que está fazendo ao vir até aqui me confrontar.

— Nem me fale. Sabe, eu tive uma paixão na adolescência que me acompanhou durante muito tempo. Foram anos de terapia para conseguir superar o rompimento — ela fala sobre nós de maneira disfarçada, fingindo estar apenas jogando conversa fora. — Finalmente, encontrei um homem interessante que me fez esquecer o traste que conheci na escola.

Ah, que vagabunda. Quem é esse cara? Seja quem for, sei que sou melhor. Como ela ousa me chamar de *traste*, me comparar a um qualquer?

Finalizo minha bebida com um gole só e repouso o copo sobre o balcão com mais força do que deveria. O barulho faz as duas olharem para mim. Antes que a situação fique suspeita, abro um sorriso.

— Vou me trocar para o jantar. Seja bem-vinda ao bairro, Sarah. — Sem esperar por uma resposta, vou para a sala e subo a escada.

Enquanto me troco, fico pensando na desculpa que usarei para não ir para cama no horário rotineiro. Quero anotar a placa do carro do cara que vai levar Sarah para jantar.

